

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Em que pese o bom debate, mas o tempo de V. Exa. está encerrado.

O SR. RICARDO MELLÃO - NOVO - Está bom, perfeito. Obrigado.

O SR. CASTELLO BRANCO - PSL - Para uma comunicação. O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Para uma comunicação. Antes, porém, para discutir contra, nobre deputada Monica Seixas.

O SR. CASTELLO BRANCO - PSL - PARA COMUNICAÇÃO - Fico muito feliz, nesta Casa, de ver, hoje, o nível dos debates. Pelo menos no que diz respeito a esse item.

Trata-se de matéria técnica, trata-se de matéria específica da área tributária e de incentivo. Ambos os argumentos são muito fortes e ambos têm contrapontos.

Então, nessa linha de raciocínio, eu sugiro que a gente caminhe para exposições futuras, técnicas, com slides, para que a gente entenda os mecanismos que estão por trás, para que a gente possa decidir sobre o tema de uma maneira mais consciente.

Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Com a palavra a deputada Monica.

O SR. CARLÃO PIGNATARI - PSDB – PARA COMUNICAÇÃO - Deputado Castello Branco, nós marcamos, a pedido do Colégio de Líderes, uma vinda dos técnicos da Secretaria da Fazenda, para que fizéssem uma explanação técnica. Infelizmente, por compromissos vários, poucos deputados puderam comparecer, poucos deputados puderam comparecer.

É uma pena, porque ficou muito claro tecnicamente como é o projeto, porque nós podemos ser favoráveis ou não, cada um tem a sua colocação, mas é isso que eu queria dizer a todos.

Obrigado, deputada Monica.

A SRA. MONICA DA BANCADA ATIVISTA - PSOL - SEM REVISÃO DO ORADOR - Boa noite a todos e a todas que nos acompanham. A gente está com um projeto bastante simbólico da falta de organização e planejamento político, ao longo prazo, do Estado, da Nação, do País. A gente poderia citar inúmeros problemas na transferência, porque se trata de um empréstimo subsidiado, não é incentivo fiscal, é empréstimo subsidiado em condições que nenhuma outra agência bancária ou instituição financeira daria para qualquer outro setor empresarial.

Então, a gente está falando de transferência de dinheiro público para a iniciativa privada, e a gente pode versar aqui sobre os problemas disso ou não, da necessidade de geração de renda, de emprego, de um setor que corresponde a mais ou menos 1% do PIB, etc.

Mas o que eu quero falar é sobre a dificuldade de a gente fazer um planejamento real para levar o Estado para o desenvolvimento ou para a garantia de empregos. A Ford não deixou a sua planta em São Bernardo do Campo à toa. Quem se atreve a discutir o mercado, é importante também fazer a leitura dessa história.

No início do ano, a Ford anuncia o fechamento da sua planta em São Bernardo do Campo. O governador João Doria se compromete, pessoalmente, a ajudar arranjar um comprador para essa planta. No seu discurso, ele fala: “Não quero deixar 1200 pessoas desempregadas”. Certo, governo? Participou de uma articulação que levou à compra da planta da Ford pelo o grupo Caoa.

O grupo Caoa chegou a pedir publicamente, pelos jornais, incentivos fiscais para a indústria automobilística, mas eu quero dizer que o grupo Caoa, nessa semana, disse que não se compromete com a manutenção das 1200 vagas de emprego naquele lugar, porque manter o nível de emprego não significa manter esses mesmos empregados. Você pode fazer a troca de 100% do quadro, demitir e, mesmo assim, manter o nível de empregos, certo?

Abrir novas vagas de emprego também não significa manter o emprego dessas pessoas. Esse é um ponto, mas o ponto é: o que faz a Ford deixar o Brasil? Nós já temos no mundo - no mundo - uma ação política de fomentar tecnologias de locomoção menos poluentes. Se o estado de São Paulo fosse um país, ele seria o sexto maior poluente do mundo. Entre as cidades em que os índices de poluição no ar são intragáveis segundo a OMS, estão São Paulo, Santos, Cubatão e Campinas. São Paulo está na larga liderança.

Se a gente seguisse os índices de Paris, soariam alarmes quase que diariamente, decretando feriado aqui. Quem é do interior e chega a São Paulo já sente isso. Eu não sei de onde os senhores são, mas eu, na minha curta convivência com a cidade de São Paulo, já sinto uma diferença na minha qualidade de vida, e quero dizer que quem morre primeiro são os que têm menos condições de tratamento de saúde.

Setenta e três por cento da poluição do estado de São Paulo é devido à queima de combustíveis fósseis da indústria automobilística. Essa indústria automobilística já possui tecnologia para produzir motores menos poluentes, inclusive, produz. A Scania, a própria Ford e a Renault produzem, em solo brasileiro, carros híbridos ou de combustíveis não fósseis para exportar para a Europa.

Enquanto isso, a política brasileira é completamente permissiva com o veneno. Se a gente é permissível com o agrotóxico, com a qualidade do ar, que mata todo mundo e que diminui a nossas chances de vida, também é um problema, e esse projeto coloca incentivo numa indústria obsoleta e me surpreende muito, Carlão, você que está surpreso de eu e do Novo estarmos no mesmo campo, eu ter que vir aqui à tribuna lembrar os senhores de que o mercado não quer o carro brasileiro, que o mercado está cobrando da gente uma indústria e geração de empregos verdes.

A gente está doando dinheiro público para a iniciativa privada para produzir um produto que nós mata e que ninguém quer comprar. E a gente tinha todas as condições de aqui nesta Casa Legislativa produzir uma política pública bem planejada que salve empregos, que salve vidas e que aponte para o futuro, mas ao contrário disso, a gente só beneficia um setor cegamente em detrimento de outros.

E mais uma vez aqui do meu lugar estranho de fala, nesta minha inédita fala sobre Economia, a indústria brasileira está em recessão desde os anos oitenta. Isso porque a gente planeja mal. Isso porque a gente tem uma péssima qualidade dos políticos - eu quero falar sobre isso no final da minha fala - mas está em recessão desde o final da década de oitenta. Isso porque a gente não valoriza a cadeia produtiva.

É mais barato exportar do que beneficiar a cadeia produtiva nacional. Então, a gente joga também a partir de incentivos - e muitos incentivos - dinheiro para o exterior. O que mais cresce no Brasil é o serviço e o comércio, mas dentro todo o cenário caótico da indústria brasileira que está em recessão, a indústria automobilística se mantém. É a que menos quebra. É a que menos cai. É a que mais se mantém no mercado vendendo. Isso por conta de um setor que está aqui do lado, em audiência pública, que não tem direitos trabalhistas garantidos, que não tem direito a recesso, que não tem direito a descanso, que não tem direito à segurança, que morre todo final de semana aos montes: os motoristas de aplicativo. Infelizmente, por conta da “uberização” do trabalho, o Brasil vende carro.

É só por isso. Então, se a gente quer de verdade incentivar a indústria automobilística, fazia todo e completamente sentido a gente investir em condições trabalhistas para esses motoristas, para que eles se multipliquem, para que eles consigam sobreviver e trabalhar.

O SR. CARLÃO PIGNATARI - PSDB - Para um aparte, deputada?

A SRA. MONICA DA BANCADA ATIVISTA - PSOL - O senhor quer um aparte? Claro, Carlão.

O SR. CARLÃO PIGNATARI - PSDB - COM ASSENTIMENTO DO ORADOR - Eu gostaria de perguntar para a nobre deputada uma coisa que eu não conseguí entender. Primeiro, só uma informação. A Ford fechou as fábricas de caminhões no mundo. Ela parou de produzir caminhão. Ela saiu do negócio não só aqui, no mundo e que ela está sendo vendida para o Grupo Caoa.

Ela está sendo vendida realmente para o grupo Caoa, isso já é público. Que ela quer benefício, ela quer benefício, isso é uma outra coisa. Agora eu não entendi. A senhora acha que a gente deve então comprar um carro verde produzido na Alemanha, na Espanha, em detrimento aos empregos que podem ser gerados no Brasil. Eu não consegui...

Essa parte da sua fala, que a nobre deputada está de parabéns, eu acho que é uma defesa que você fez desde o seu primeiro dia aqui com muito respeito às pessoas nessa fala, mas eu acho que é importante se a gente puder ter o esclarecimento, porque o deputado Daniel José disse o seguinte: “Nós podemos importar, nós vamos gerar emprego lá fora”. Não é isso que o governo quer e não é isso que nós, brasileiros, queremos.

A SRA. MONICA DA BANCADA ATIVISTA - PSOL - A Ford, a Caoa, a Renault, já produzem em plantas brasileiras motores menos nocivos ao Meio Ambiente para exportação. A Scania produz motores para caminhão menos poluentes para exportação. Então, se a gente vai incentivar como política pública, eu defendo que a gente incentive desenvolvimento tecnológico não poluente e que a gente condicione o incentivo público para o desenvolvimento de uma política pública.

Se o carro está matando no estado de São Paulo, na cidade de São Paulo, só se justifica a intervenção estatal se for para desenvolvimento de tecnologias que não matem e o projeto não prevê isso. O projeto está colocando dinheiro, como todos dizem, sem nenhuma contrapartida pública, porque não garante geração de emprego. É um benefício, é um empréstimo subsidiado muito vantajoso.

Nas condições em que está, a empresa pode ganhar dinheiro pedindo empréstimo para o estado de São Paulo e a gente não tem nenhuma contrapartida pública investindo de novo, Carlão. Para fechar a ideia, incentivar a indústria automobilística como ela está é colocar dinheiro no desenvolvimento de uma tecnologia que ninguém quer comprar e que vai na contramão do desenvolvimento.

Vou terminar a minha fala pedindo para os senhores apreciarem isso, porque a gente não tem, no texto, nenhuma garantia de emprego. A gente não tem, no texto, nenhuma sinalização de que a gente está patrocinando uma mudança de cultura ou mudança no padrão ambiental da nossa indústria automobilística. A gente só está financiando um setor pelo qual João Doria está completamente comprometido.

Mas, aproveitando esse bate bola entre eu e o deputado Carlão, eu gostaria de pontuar também que essa é a eleição da renovação política. Essa é a eleição da inovação. Inclusive, o Sr. Governador João Doria se reivindica um pouco high-tech, novo, da inovação, etc e tal. Acho que esta Casa depõe ao contrário.

A gente tem aqui, primeiro, desviado muito tecnicamente das nossas atribuições. Estou vendo comissões que não são de mérito, como a Comissão de Constituição, Justiça e Redação, entrar e julgar o mérito do projeto, e fugir do seu caráter técnico, além de sucessivos desrespeitos entre nós.

Sou completamente favorável que todo mundo use esta tribuna para debates, para discordar, para trocar ideias. Acho que a gente está fugindo muito disso daqui. Um show de misoginia, um show de machismo, um show de transfobia, um show de violências.

Preciso lembrá-los, recorrentemente, como uma parlamentar do Poder Legislativo, qual é a legislação vigente nesse País. Embora tenha setores que gostem ou que não gostem da legislação, a legislação é essa. Eu não gostaria de ser a única parlamentar nesta Casa tomando para si a responsabilidade de manter a qualidade deste Parlamento. Se temos uma responsabilidade, todos aqui, é de levar a sério esse trabalho que nos foi aiançado pela população.

Então, está muito triste aqui. Está muito triste a situação como a gente se trata, os ataques no foro pessoal, e a falta de debate sincero. Então, eu queria saudar, Carlão. Eu gostaria que o senhor me ouvisse até o final, Carlão. Porque é a primeira vez que há uma troca de verdade. Acho que o senhor, sinceramente, está ouvindo.

Acho que isso deveria acontecer mais vezes. Coloco à disposição. E quero dizer que repudio veementemente. A gente pode discordar no mérito, e a gente está aqui para isso. Cada um defende uma parte da população, um setor, uma cultura.

A gente vem de culturas diferentes. Mas a gente não pode aceitar que a violência e a baixa qualidade virem método permanente deste Parlamento.

Então, quero deixar o final da minha fala, porque muito respeitosamente debati com o senhor. Que isso sim vire praxe. E que a gente rejeite, de conjunto, práticas baixas aqui neste Parlamento. Obrigada.

A SRA. CARLA MORANDO - PSDB - Pela ordem, Sr. Presidente. Eu gostaria de fazer uma comunicação.

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Antes porém, deputada Carla, de passar, já convido a nobre deputada Janaina Paschoal para discutir contra o projeto, pelo tempo restante da sessão. E passo a palavra para uma comunicação de Vossa Excelência. São cinco minutos. Depois, na segunda sessão extraordinária, V. Exa. terá os outros 10 minutos do teu tempo.

A SRA. CARLA MORANDO - PSDB - PARA COMUNICAÇÃO - Eu gostaria só de complementar a fala do Carlão, em dizer que o IncentivAuto realmente é um programa inovador, que traz muitos benefícios ao nosso País. O País está inserido no contexto mundial. A Coreia do Sul, o Japão e os Estados Unidos têm programas de incentivo parecidos com o nosso IncentivAuto, justamente para segurar os investimentos que estão lá, ou trazer novos.

Isso, acho que é muito louvável da parte do governador, em trazer empregos para as nossas cidades, para todo o estado de São Paulo, que por anos sofreu muito com a guerra fiscal mantida por outros estados, levando as nossas empresas embora. Isso é muito ruim. A gente tem sentido bastante. Principalmente eu, que sou da cidade de São Bernardo do Campo, onde existe a maior concentração de empresas automotivas.

A gente sente que foi muito, muito ruim durante todo esse período. Agora a gente percebe que existe uma movimentação do governo em dizer “pare” para os outros estados. “Cuide das suas empresas. As nossas, deixem elas aqui.” Isso é muito importante para que a gente consiga manter as pessoas do estado empregadas.

Quanto às frotas de carros não tão poluentes, isso é uma coisa que agora vai ser adotado praticamente em todo o país e no mundo, porque isso já está sendo implantado. A Toyota acabou de anunciar, recentemente, o carro híbrido. A Scania lançou o caminhão “flex”, que é a gás, e também o gás de bagaço de cana, que é o biogás, que é menos poluente ainda. Isso é uma coisa que vai acontecer normalmente; não precisa ter um incentivo para que isso aconteça, porque a própria população já exige isso. E a gente está tendo...

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Para concluir, deputada Carla.

A SRA. CARLA MORANDO - PSDB - Os primeiros que já estão começando com essa inovação.

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Pelo tempo de cinco minutos remanescentes da sessão, deputada Janaina. Depois, retoma a palavra na segunda sessão extraordinária.

A SRA. JANAINA PASCHOAL - PSL - SEM REVISÃO DO ORADOR - Muito obrigada, Sr. Presidente. Cumprimento todos os colegas presentes, as pessoas que nos acompanham, os funcionários da Casa, os cidadãos que estão aqui acompanhando a sessão.

Bem, primeiro eu gostaria de destacar a seriedade, a atenção, o trabalho do líder do Governo, deputado Carlão Pignatari, porque eu reconheço que eu sou uma pessoa chata. Eu sempre peço detalhes, eu sempre solicito esclarecimentos. E o deputado Carlão realmente é um exemplo de seriedade nesse trabalho. Não teve uma vez que eu solicitei algum tipo de informação que ele tenha negado, que ele tenha atrasado, que ele tenha de alguma maneira dificultado.

Como ele tem feito em todos os projetos, ele também fez nesse. Quando chegou o projeto, eu falei: “deputado, eu gostaria de ter mais esclarecimentos”. A equipe esteve aqui, nós fizemos uma reunião muito longa. Todas as minhas dúvidas foram respondidas de maneira bastante objetiva e transparente. Ninguém respondeu nada com o objetivo de me convencer ou de fazer com que eu pensasse de maneira diferente. Responderam de maneira clara o que é o programa.

E aí, muito respeitosamente, também, ao deputado Carlão Pignatari, eu preciso deixar claro que eu, ideologicamente, sou contrária a esse tipo de programa. Porque eu entendo que é um tipo de programa que gera uma bolha. Não é que o setor não mereça, que os empregos não sejam importantes. São importantes, porém nós vamos criar uma situação de produção que o mercado não vai absorver. Nós não temos uma cultura, ainda, de exportar automóveis, não numa quantidade que possa absorver uma produção que venha a ser estimulada. Nós precisamos encontrar programas de incentivo, efetivamente, de tecnologia, de novas áreas.

Então, eu critiquei muito... Muito embora haja, aqui, algumas diferenças com relação aos programas do PT, em termos de raiz, vamos dizer assim, de pilar, é parecido. E eu critiquei muito o governo Lula, critiquei muito o governo Dilma, não só pelas ilicitudes praticadas, mas também pelas políticas abraçadas. Dentre essas políticas, esses muitos incentivos, inclusive no que diz respeito à indústria automobilística, no que diz respeito à produção de caminhões. Eu sempre alertei para a produção de bolhas, porque bolhas funcionam por um curto período de tempo, depois elas explodem. E nós ficamos com as consequências.

Então, eu não poderia criticar uma espécie de política, uma modalidade de política nos governos petistas, e entender que essa mesma política é boa nos governos PSDbistas. Eu até me surpreendi com as críticas do PT, porque isso aqui é muito parecido com o que o PT fez nesses últimos anos. E também é parecido na medida em que não é uma isenção ou um financiamento ou um empréstimo; realmente, existe aqui alguma nebulosidade sobre o que é o programa, porque a literalidade da norma não fala exatamente o que é o programa. É preciso ler a norma que nós vamos votar aqui em conjunto com o decreto e, em certa medida, em conjunto com a apresentação que foi feita pelos técnicos.

Então, não é tão claro como deveria ser. Quando eu faço essa constatação, não significa que eu esteja colocando qualquer tipo de dúvida a respeito da correção do programa; não é isso. Porém, seja qual for a definição, seja empréstimo, seja isenção, o fato aqui é que vai criar uma bolha.

E, além de criar a bolha, a sistemática posta pode levar ao favorecimento de um determinado grupo em prejuízo do outro, o que também ocorreu no governo do PT, onde houve, por exemplo, a eleição de um determinado frigorífico, que virou um gigante mais do que nacional, internacional, e quebrou vários frigoríficos de pequeno porte.

Eu cheguei a conversar com donos de empresas chorando. Por quê? Porque o amigo do rei teve isenção de impostos, e ainda teve dinheiro público com juros baixos, e sequer devolveu.

O SR. CARLÃO PIGNATARI - PSDB - Posso colaborar? A SRA. JANAINA PASCHOAL - PSL - Pois não. O SR. CARLÃO PIGNATARI - PSDB - Eu acho que foi uma escolha...

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Eu vou pedir desculpas a ambos, mas nós encerramos a sessão. Nós não temos mais sessão. São nove horas e trinta minutos, preservados os dez minutos da deputada Janaina para a segunda sessão extraordinária, em dez minutos.

Então, está encerrada a sessão.

\*\*\*

- Encerra-se a sessão às 21 horas e 30 minutos.

\*\*\*

## 24 DE SETEMBRO DE 2019

**Presidência:** CAUÊ MACRIS
**Secretaria:** PROFESSOR KENNY e MARIA LÚCIA AMARY

### RESUMO

ORDEM DO DIA

- PRESIDENTE CAUÊ MACRIS
Abre a sessão. Anuncia a discussão e votação do PL 752/19.
- CAMPOS MACHADO
Requer verificação de presença.
- PRESIDENTE CAUÊ MACRIS
Defere o pedido. Determina que seja feita a chamada de verificação de presença, que interrompe quando observado quórum.
- JANAINA PASCHOAL
Discute o PL 752/19.
- CAMPOS MACHADO
Discute o PL 752/19.
- TEONILIO BARBA LULA
Para comunicação, justifica representação contra o deputado Frederico d’Avila na Comissão de Ética desta Casa.
- ARTHUR DO VAL
Discute o PL 752/19.
- CARLÃO PIGNATARI
Discute o PL 752/19 (aparteado pelos deputados Carla Morando e Roberto Morais).
- JOSÉ AMÉRICO LULA
Discute o PL 752/19 (aparteado pelos deputados Campos Machado e Roberto Morais).
- CARLA MORANDO
Discute o PL 752/19 (aparteada pelos deputados Roberto Morais e Carlão Pignatari).
- DR. JORGE LULA DO CARMO
Discute o PL 752/19.
- TEONILIO BARBA LULA
Discute o PL 752/19 (aparteado pelo deputado Campos Machado).
- ALEX DE MADUREIRA
Para comunicação, destaca a importância da indústria automotiva em Piracicaba.
- BARROS MUNHOZ
Discute o PL 752/19 (aparteado pelo deputado Roberto Morais).
- SERGIO VICTOR
Discute o PL 752/19 (aparteado pelos deputados Carlão Pignatari, Monica da Bancada Ativista e Itamar Borges).
- PRESIDENTE CAUÊ MACRIS
Encerra a discussão do PL 752/19.
- CARLÃO PIGNATARI
Solicita o levantamento da sessão, por acordo de lideranças.
- PRESIDENTE CAUÊ MACRIS
Defere o pedido. Levanta a sessão.
- \*\*\*
- Abre a sessão o Sr. Cauê Macris.
- \*\*\*

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Presente o número regimental de Sras. Deputadas e Srs. Deputados, sob a proteção de Deus iniciamos os nossos trabalhos.

Esta Presidência dispensa a leitura da Ata da sessão anterior. Sras. Deputadas e Srs. Deputados, vamos passar à Ordem do Dia.

\*\*\*

- Passa-se à

### ORDEM DO DIA

\*\*\*

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Discussão e votação do Projeto de lei nº 752, de 2019.

Deputado Campos Machado.

O SR. CAMPOS MACHADO - PTB - Sr. Presidente, para pedir uma verificação de presença.

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - É regimental. Convido o deputado Professor Kenny e a deputada Maria Lúcia Amary para auxiliarem esta Presidência na verificação de presença.

\*\*\*

- É iniciada a chamada.

\*\*\*

O SR. PRESIDENTE - CAUÊ MACRIS - PSDB - Constatado o quórum regimental, agradeço aos deputados que auxiliaram esta Mesa e devolvo a palavra para a oradora na tribuna.

A SRA. JANAINA PASCHOAL - PSL - SEM REVISÃO DO ORADOR - Obrigada, Sr. Presidente. Então, prosseguindo, eu critiquei muito o PT pelos projetos de incentivo de isenção, mas, sobretudo, pelos projetos em que algumas empresas eram escolhidas para serem beneficiadas.

Eu acho que o caso que ficou mais conhecido no país foi o caso do grande frigorífico, que virou uma potência mundial, às custas dos concorrentes, porque esse frigorífico conseguia incentivos de tributos e conseguia também empréstimos de financiamento, inclusive junto ao BNDES, com juros ridículos, e, não raras vezes, sequer devolvia, e os concorrentes não tinham nem os incentivos fiscais, nem o financiamento com dinheiro público.

Então era impossível concorrer. Como se não bastasse, em alguns estados, depois de reduzir o concorrente a pó, o frigorífico escolhido pelo rei comprava o concorrente. Nas muitas entrevistas que dei naquele período, eu dizia que nós não estávamos no sistema capitalista, nós estávamos no capitalismo de Estado, porque o dono do poder escolhia quem ia se desenvolver, quem ia crescer, quem ia engolir, literalmente, os pequenininhos ou médios que estavam ao lado.

Então, eu tenho preocupação com esse projeto. Primeiro, pela bolha que vai gerar, que não tem como sustentar essa bolha. Segundo, pela potencialidade de favorecimento de grupos determinados. Com isso, eu não estou dizendo que esteja presente a má fé, que certamente estava nos governos petistas - isso foi provado -, mas o risco há, porque os projetos serão escolhidos, analisados por um tal comitê, que ninguém sabe quem é que vai compor.

Qual será o critério desse comitê para eleger os projetos? Como garantir que todos os agentes do mercado serão avaliados de acordo com os mesmos critérios? Então, eu critiquei a vida inteira esse modelo. Se critiquei no partido A, não posso apoiar no partido B, porque a gente tem que ter alguma objetividade nesta vida. Desse modo, com muito respeito, sem fazer nenhum tipo de ilação, eu declaro que vou votar contrariamente ao projeto.

Estou falando por mim. Não estou falando pela bancada. Não estou falando pelo PSL. Estou falando por mim, e aproveito para pedir - e eu vivo pedindo - ao governo, no que diz respeito ao projeto do Tietê, que especifique um pouco mais a parte que trata da estação de tratamento de esgoto que será construída lá em Mogi das Cruzes.

Por que eu digo isso? Porque tive a informação de que construirão essa estação de tratamento de esgoto na visita técnica que fiz às obras já realizadas no Rio Tietê, mas essa estação não está claramente descrita nem no projeto, que nós votaremos aqui, nem na justificativa, e nem no projeto que foi enviado para o BID, para fins do financiamento que o governo quer que nós autorizemos.

Se nós estamos falando de limpeza do Rio Tietê, a única maneira realmente efetiva é a limpeza do esgoto. Então, para eu poder autorizar esse tal empréstimo - estou falando por mim, não pelo PSL ou pela bancada - é necessário ter clareza de que, pelo menos, uma estação de tratamento de esgoto está contemplada nesse empréstimo.

Então, estou querendo já deixar isso bastante claro, porque entendo que é importante essa transparência. E aí não importa se o projeto é do governo, se não é do governo. Desde o primeiro momento eu disse que iria me pautar pelo mérito das propostas discutidas e é isso que estamos fazendo desde o início do nosso mandato.

Ainda nesta oportunidade, gostaria de dizer, sem querer retirar de qualquer colega o direito à crítica, pois o direito à crítica é sagrado, sobretudo em uma democracia, que o presidente da República, hoje, ao falar na ONU, representou-me muito bem. Eu realmente me senti representada como cidadã brasileira pelo discurso do presidente. O presidente não mentiu, o presidente não exagerou, não ofendeu ninguém. Ele foi preciso e mostrou, de maneira clara, o que vinha acontecendo no nosso país e na América Latina. Então, elogio - e eu costumo ser bastante crítica ao presidente, muito embora estejamos no mesmo partido -, elogio o discurso do presidente.

Com relação à representação que foi feita contra o colega d’Avila, fiquei surpresa, não só pela representação ter sido feita, mas por ter sido recebida. Por quê? Porque o colega - e eu não vou discutir aqui o mérito - tinha se manifestado nas redes sociais com relação a um terceiro que não tem nada a ver com membros aqui da Casa, que não tem nada a ver com a atuação dele aqui na Casa.

Então, essa representação, não só ser feita, mas ter sido recebida, abre um precedente muito ruim, porque todos os colegas poderão ser monitorados em suas respectivas redes sociais e qualquer situação com uma terceira pessoa poderá ser trazida para análise na Casa. Eu realmente fiquei surpresa e não tem nada a ver com o fato de o colega ser da minha bancada, não estou entrando no mérito, mas, se as redes sociais e situações com terceiras pessoas puderem ser trazidas para análise aqui na Comissão de Ética, meu Deus! Não é? Não terá fim.

Então, é importante que as pessoas entendam que o que elas fazem para as outras pode ocorrer com relação a elas também. O presidente da Ordem é advogado, tem condições de contratar um advogado para tomar as medidas que ele entender cabíveis, se entender cabíveis. Muito me surpreende deputados aqui da Casa se arvorarem à condição de advogados do presidente da Ordem. Então, estou fazendo esse alerta para que tenhamos isso em mente. Se vale para o d’Avila, vale para todo mundo.

Eu considero muito importante esse debate e penso que foi um dos dias de debates mais ricos mesmo, porque quebrou com aquela dualidade de quem está a favor do governo e quem está contra o governo. As pessoas precisam perceber que essa maneira de raciocinar é equivocada. Temos que olhar o mérito das discussões.

Então, hoje, nós tivemos, aqui, partidos, ou pessoas ligadas a partidos, que raramente concordariam, mas que concordam hoje. E não é porqe querem atacar o governo, porque querem desmerecer o governo. Não é isso, mas porque querem colaborar no mérito das discussões. E esse é o nosso papel.